

## Escritas de si nas redes digitais: cartografando o cenário da hiperconectividade<sup>1</sup>

Alana Soares ALBUQUERQUE<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado e tem como objetivo problematizar as novas formas que o gesto de escrever sobre si assume no cenário da hiperconectividade, atentando para o surgimento de micro-escritas móveis, velozes e desterritorializadas que se fazem nos pequenos dispositivos móveis conectados à internet e configuram-se como novas formas de relatar uma vida. A partir do método da cartografia de Deleuze e Guattari, o artigo analisa os processos de subjetivação engendrados no gesto de compartilhar atualizações em tempo real nas redes através dessas escritas, atentando para novas formas de se relacionar com os espaços, as tecnologias e as pessoas no cenário da hiperconectividade.

**Palavras-chave:** hiperconectividade; redes digitais; cartografia; subjetividade; escrita.

### Escrita e processos de subjetivação no cenário da hiperconectividade

O uso dos dispositivos móveis de comunicação vem imprimindo profundas transformações nos modos de subjetivação contemporâneos. A partir do paradigma ético-estético da Psicologia Social, a subjetividade é compreendida como sendo produzida de forma heterogênea, a partir da articulação de múltiplos elementos, entre eles homens e máquinas tecnológicas. Partindo do pensamento de Félix Guattari (2012), podemos dizer que hoje as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, no seio de suas memórias, inteligência, sensibilidade e afetos. Pensando nessa íntima relação da subjetividade com as máquinas, podemos dizer que na internet, mídia engendrada pela evolução dessa articulação, estão imersos novos tipos de relações e modos de existir. Há toda uma gama de diferentes modos de expressão que a internet cria, dando novos contornos à subjetividade humana.

Pensando a subjetividade a partir da ideia de território (GUATTARI, 2012), a compreendemos como um *entre*, uma intersecção que se hibridiza a outros territórios

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [alana\\_albuquerque@hotmail.com](mailto:alana_albuquerque@hotmail.com).

humanos e não-humanos, sendo o sujeito uma espécie de terminal, um nó em uma rede-rizoma, um resultado de múltiplos atravessamentos de forças, vetores, discursos, práticas, saberes, poderes, enfim, um constante devir. Essa característica “derivante” da subjetividade nos remete à ideia de um processo sempre em movimento, e por isso nos referimos a processos de subjetivação.

Para Foucault (1996, 2013), a subjetivação compreende os diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos. O autor atenta para a dimensão histórica da produção de subjetividade, analisando como diferentes tecnologias produzem os sujeitos em determinadas épocas. Foucault compreende que as relações que o sujeito estabelece consigo e com os outros se dão a partir de diferentes tecnologias, próprias de cada época. As formas como o sujeito atua sobre si mesmo são chamadas pelo autor de “tecnologias do eu”. Através dessas tecnologias o sujeito opera sobre seu corpo e seus pensamentos, desenvolvendo um certo saber sobre si mesmo e certa dominação pessoal.

A partir de Foucault, poderíamos pensar que as atuais máquinas tecnológicas de acesso à internet com as quais interagimos diariamente – celulares, computadores, *tablets* – poderiam ser consideradas como tecnologias de atuação sobre si mesmo e transformação de si, sendo assim considerados como vetores de produção de subjetividade. Através do compartilhamento instantâneo de atualizações nas redes sociais, por exemplo, atuamos sobre nós mesmos, inventamo-nos em milhares de postagens, escritas, fotografias, registros diversos de uma vida. E que sujeito é este que está sendo produzido através dessas tecnologias de um eu que urge para ser cada vez mais instantâneo?

A partir da difusão das tecnologias de acesso à internet móvel e sem fio, estamos cada vez mais imersos na rede digital, que já nos envolve em quase todos os lugares que frequentamos, proporcionando-nos uma condição de conexão generalizada que nos permite – ou nos incita a – estar a par das atualizações de nossa rede de contatos em tempo real, e também que compartilhemos de forma instantânea nossas atualizações. A cibercultura hoje se desenvolve de forma onipresente, fazendo com que não seja mais necessário que o usuário se desloque até a rede, como acontecia com os antigos computadores de mesa, pois a rede passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada. Essa nova condição, a de estarmos o tempo todo conectados, delineia um novo tipo de subjetividade. Questiono-me, então, diante disso: quem é este sujeito “hiperconectado”?

Escolhi usar o sufixo “hiper” com base na leitura que Lipovetsky (2004) faz do contemporâneo. Para o autor, é esse sufixo que impera em diversas facetas da vida na

sociedade hipermoderna: hipercapitalismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto, a internet e seus bilhões de páginas... diante disso, o autor se pergunta: o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? A partir dessa contestação de Lipovetsky, falo também em uma *hiperconectividade*, definindo-a como condição de conexão contínua e generalizada na qual o sujeito está imerso através de seus dispositivos móveis de acesso à internet (ALBUQUERQUE, 2014).

Mergulhados nesse cenário, vários hábitos de nossa vida cotidiana são afetados pela forma como nos relacionamos com/pelas máquinas. Um deles é o hábito de escrever. Interessa-me neste estudo falar das transformações na prática da escrita, mais especificamente das escritas de si, ou seja, da escrita como prática autorreferente. Foucault (2006) utiliza o termo “escrita de si” para se referir à antiga prática grega de produzir registros escritos sobre as vivências do cotidiano. A escrita de si para os gregos era uma forma de manter os pensamentos sempre à disposição, e sua leitura permitia que eles fossem objeto de conversações consigo mesmo ou com os outros. Essa prática é considerada pelo autor como uma técnica de si, algo que faz parte de um treino de si por si mesmo, indispensável para aprender a arte de viver.

Penso, enfim, com Foucault, na escrita enquanto processo de subjetivação, e questiono-me sobre as novas formas que o gesto de escrever sobre si assume no cenário da hiperconectividade, atentando para o surgimento de micro-escritas móveis e velozes que se fazem nos pequenos dispositivos móveis conectados à internet, escritas compartilhadas de forma instantânea e que atendem a necessidades contemporâneas permeadas pelo imediatismo e pela urgência, características que perpassam várias esferas da vida contemporânea. Posto isso, o objetivo do presente artigo, recorte de uma pesquisa de mestrado já concluída, é problematizar que processos de subjetivação estão sendo engendrados no gesto de compartilhar atualizações em tempo real nas redes através dessas escritas instantâneas e móveis, atentando para novas formas de se relacionar com os espaços, as tecnologias e as pessoas no cenário da hiperconectividade.

### **Cartografias em territórios híbridos**

Partindo do cenário da hiperconectividade, deparamo-nos com o desafio de encontrar metodologias que façam frente à complexidade dos processos de subjetivação que

se dão aí, complexidade essa que aumenta quando nos encontramos em territórios híbridos que mesclam a experiência da movimentação no espaço com a experiência de estar online.

Diante disso, investi em um tipo de metodologia que tentou dar conta dessa experiência que me envolveu como um todo enquanto sujeito – a experiência de estar conectada à rede e em movimento – atentando aqui para a inseparabilidade entre sujeito e objeto de pesquisa, concebidos como instâncias que se engendram mutuamente no processo de pesquisar. Construí, dessa maneira, uma metodologia de inspiração cartográfica, sendo que a cartografia enquanto método não se resume a uma simples etapa determinada da pesquisa, como a seção metodológica, mas constitui-se como um certo modo de pensar a realidade e uma forma de registrar esse pensamento.

Ao descentrar a subjetividade do sujeito para pensá-la como sendo produzida por agenciamentos heterogêneos, em um *entre*, o método da cartografia de Deleuze (1992) atenta para as linhas que dão forma ao objeto de pesquisa. Barros e Kastrup (2012) salientam que o objetivo da cartografia é desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para Guattari (2012), a cartografia coexiste com o próprio processo de subjetivação. Sendo assim, esse método visa acompanhar processos, e não representar um objeto já dado, como se refere Kastrup (2007).

Na tentativa de mergulhar na complexidade da experiência da hiperconectividade e tentando traçar as linhas que dão forma a esses sujeitos hiperconectados, essa investigação é realizada por uma pesquisadora imersa em territórios híbridos. À maneira do *flâneur* que vaga pelas ruas da cidade, essa investigação se fez por uma deriva pelas redes digitais e “fora” delas. Nesse tipo de deriva é possível encontrar um aspecto que se assemelha à atividade do cartógrafo, quando este deixa de buscar informações específicas para acolher o que lhe acomete. A atenção na cartografia não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro. Trata-se de um gosto de deixar vir, um *letting go*, como na expressão “vamos ver o que está acontecendo...” (KASTRUP, 2007, p. 20).

Quanto à forma de registro desse processo de pesquisa, construí um texto que tentou acompanhar meu movimento por esses espaços híbridos. Para dar conta dessa experiência, investi em uma escrita também móvel e desterritorializada, um texto que se fez por múltiplas entradas e de diferentes formatos, plataformas, lugares. As impressões que surgiram da imersão nesses territórios físicos e digitais foram registradas em formato de diários de bordo, tecendo uma espécie de escrita em movimento. Adotei o termo “diário de

bordo” como alusão ao diário que os viajantes carregam consigo em suas jornadas. Esse tipo de diário evoca experiências de aventura e sentimentos de estranheza. Os viajantes escreviam nesses diários histórias que podiam ser contadas no formato de romances literários ou até de poesia, o que deixava voar a imaginação do autor (EL HAMMOUTI, 2002).

Foi, enfim, na experimentação do cotidiano que esta pesquisa se fez. Nos diários escritos na deriva pelas redes e por diferentes espaços mesclaram-se os registros da experiência e suas análises, já que no método cartográfico a análise não se define como uma seção à parte da pesquisa, da mesma forma em que não há uma seção para a “coleta” de dados. Para Barros e Barros (2013, p. 375), analisar, torna-se, na cartografia, “um procedimento de multiplicação de sentidos e inaugurador de novos problemas”. Dessa maneira, a problematização das questões colocadas foi feita a partir da articulação com conceitos, atentando para a potência e a multiplicidade do conceito, não o utilizando como decalque sobre uma realidade dada, mas explorando a sua possibilidade de destacar o acontecimento das coisas e de bifurcar-se sobre outros conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010), multiplicando assim os sentidos possíveis.

Enfim, a metodologia dessa pesquisa não se reduziu a procedimentos já prescritos de coleta e análise de dados, mas tentou dar conta de uma experiência que envolveu não só o gesto de pesquisar, mas o gesto de estar entre as coisas do mundo. O que trago a seguir é um recorte das discussões que fiz em minha cartografia, método esse, que, para além de um simples procedimento de pesquisa, trata também de uma postura ética, política e estética diante da realidade na qual o pesquisador está intimamente implicado.

### **Mobilidade e escritas desterritorializadas**

A escritura digital tem suas particularidades: o cursor que pisca e se movimenta na tela ao toque dos dedos nas teclas ou no seu deslizar sobre a tela de cristal líquido. Certamente há diferenças entre teclar com todos os dedos no teclado e “teclar”/tocar com os polegares na tela do celular com o recurso de *touch screen*, sendo esta última uma inovadora forma de “falar pelos polegares”, propiciada pelo design dos aparelhos e os recursos dos softwares que modelam novas formas para o corpo exteriorizar palavras.

O design que se acopla melhor às mãos e aos dedos e os recursos que permitem escrever mais rápido respondem às necessidades de um pensamento que urge para se materializar. Uma das principais características das escritas móveis é justamente a

velocidade com que se fazem, o que implica em uma forma de exteriorizar os pensamentos em signos na tela que acompanha de perto a velocidade do próprio pensamento. A partir dessas possibilidades, deparamo-nos com escritas fragmentadas que criam novas formas de se expressar nas redes sociais na internet, por exemplo, como em atualizações instantâneas que atendem a uma necessidade de ser visto e a uma urgência que é obcecada pelo que acontece em “tempo real”.

Não há como não fazer uma relação entre essas novas formas cada vez mais “imateriais” e desterritorializadas da escrita com o conceito de escrita que Flusser (2010) remonta à etimologia da palavra: escrever é penetrar em uma superfície, deixar uma marca. O autor observa que hoje em dia não há mais inscrições, e sim apenas “sobrescrições”. Para Flusser, a forma como se escreve está intimamente relacionada à duração da escrita: quanto menos esforço empregado no inscrever, tanto mais rápida será a volatilização da informação. A rapidez no escrever é a diferença fundamental entre a inscrição e a sobrescrição, o que é escrito rapidamente é feito para ser lido rapidamente.

O imperativo do imediatismo que permeia nossas relações exige um novo tipo de escrita. Com o tempo e a evolução das tecnologias, a escrita vai perdendo seu caráter original de marca riscada para se tornar cada vez mais etérea, virtual, desterritorializada, o oposto da escavação em uma pedra. Pierre Lévy (1996), porém, observa que o texto sempre possuiu uma dimensão virtual. Para o autor, a escrita é sempre virtualizante, independente de seu suporte específico. Desde suas origens o texto é um objeto virtual e abstrato, e essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias.

Podemos pensar, a partir disso, que a duração da escrita, e consequentemente seu impacto, não está exatamente relacionada à velocidade ou forma como ela é registrada em um suporte específico, como sugere Flusser, pois, nas escritas que circulam pela web, falar em duração torna-se relativo: as escritas na rede, por não possuírem uma “materialidade” e poderem multiplicar-se através de diferentes conexões por inúmeras plataformas e dispositivos, multiplicam assim sua existência e sua duração, que independem de um suporte específico. Porém, por outro lado, esses registros que têm a capacidade de se multiplicarem e de se “eternizarem” são ao mesmo tempo efêmeros e voláteis, ao ponto de poderem ser deletados com um simples clique.

A partir dessa possibilidade de desmaterialização da escrita que viaja na velocidade dos bits pelas tramas da rede, Lévy (1996), atentando para o fato de que a escrita alfabética hoje em uso estabilizou-se sobre um suporte estático e em função desse suporte, questiona-

se se o aparecimento desses suportes dinâmicos não poderia suscitar a invenção de novos sistemas de escrita que explorariam melhor as potencialidades desse gesto.

Todas essas novas formas que a escrita assume na era da conexão digital demonstram que não há uma essência específica que defina a escrita enquanto gesto, já que, ao se realizar através de diferentes maquinismos, esses moldam a nossa forma de nos relacionarmos com as palavras, essas que ainda conservam sua função de colocar o pensamento no papel/tela. Cada época reinventa novas formas de escrever através de diferentes tecnologias – a escrita ágil na tela do celular por um teclado com recurso de predição responde a uma necessidade de exteriorização do pensamento que não era pensada há algumas décadas atrás. Dessa maneira, essas tecnologias não apenas exteriorizam o pensamento, como na função original da escrita, como também nos moldam enquanto sujeitos.

### **Micro-escritas de si nas redes sociais**

Quando navegamos pelas redes sociais na internet somos inundados por micro-relatos de vida instantâneos, mas a que ponto somos afetados por essas milhares de “histórias” que nos chegam tão rapidamente? Podemos considerá-las realmente histórias? Será que algo “gruda” na pele viscosa dos peixes que nadam por esse mar de fragmentos de vida nas redes, ou tudo apenas escorrega pela sua superfície? Parece-me que aí temos um paradoxo da hiperconectividade: somos inundados por uma enxurrada de relatos de vida, fragmentos de realidade instantâneos, e ao mesmo tempo sentimo-nos carentes de histórias que realmente nos toquem, fiquem em nós de alguma maneira.

Para a antropóloga Paula Sibilia (2008), o antigo sujeito narrador com seus diários íntimos dá lugar hoje a um sujeito que não recorre mais ao passado nem ao cultivo da interioridade para decifrar quem é. As práticas autorreferentes hoje, como por exemplo a escrita de si, são regidas pela sensação de falta de tempo generalizada e de um presente constantemente “presentificado”, um presente inflado que dá prioridade à atualização permanente através de fragmentos de conteúdo adicionados a todo instante. E que tipo de narrativas seriam essas que tendem a ser cada vez mais instantâneas, breves e explícitas?

O filósofo Walter Benjamin (1987) nos fala do declínio da narrativa tradicional na contemporaneidade enquanto forma artesanal de comunicação. Para o autor, vamos perdendo nossa capacidade de contar histórias porque as próprias experiências perdem o

seu valor. Quando pensamos na escrita instantânea das atualizações com a qual nos deparamos nas redes sociais na internet, é difícil distinguir nesse momento se estamos diante de experiências compartilhadas. O relato instantâneo é feito para ser lido em tempo real, como a novidade da informação; porém, ao mesmo tempo, esses fragmentos de vida, expostos em breves escritas, imagens, vídeos, registrados em formato de linha do tempo, formam uma espécie de diário, uma história pessoal. Seria essa uma nova forma de relatar uma vida?

Nas redes digitais observamos um tipo de relato de si que não se volta exatamente para a rememoração do passado, como nas antigas narrativas autobiográficas e diarísticas, mas sim para a vivência instantânea do que está acontecendo no momento, regidas por um imediatismo que paira sobre várias esferas da vida. Na lógica dos hiperconectados, esperar é perder tempo... Essa forma de narrar registra uma vida enquanto ela acontece, arquivando seus fragmentos em uma imensa rede que os conecta a uma infinidade de outras vidas, também registradas digitalmente ali.

Enfim, se nos dias atuais a experiência e a arte de narrar encontram-se em extinção, como afirma Benjamin, é porque o território que habitavam não existe mais, território no qual o tempo tinha um outro ritmo, bem diferente da pressa e da urgência que caracterizam a vida contemporânea. Porém, mesmo nas narrativas instantâneas, ainda existe entre o acontecimento e o seu relato um certo tempo de elaboração do que foi vivido, por menor que seja. A narrativa, mesmo que instantânea, nunca mimetiza perfeitamente a realidade que registra, há sempre a marca do olhar de quem a capta. Mesmo que estejamos diante de escritas instantâneas ou fotografias compartilhadas em tempo real em um *feed de notícias*, deparamo-nos com um ângulo, uma cor, um olhar singular e desterritorializado que se multiplica em diferentes telas, *uma vida...*

Será que seria possível que em alguns desses micro-relatos que circulam pelas redes ainda pudessem haver resquícios do velho hábito de contar histórias, compartilhar experiências cotidianas? Acredito que nessas escritas que circulam pelas redes possam estar impressos os efeitos da tensão entre, por um lado, a captura do sujeito pela pressão do tempo imediatista, e por outro, a tentativa de ligar-se aos acontecimentos que o rodeiam, de reter algo para si. Se essas postagens que circulam nas redes são incapazes de transmitir, de fato, “verdadeiras” experiências, como à maneira antiga, não podemos, por outro lado, desvalorizar os eventos do cotidiano que se configurariam como meras vivências particulares que supostamente não teriam a necessidade de serem comunicadas.



Esses micro-relatos compartilhados nas redes são ironicamente engolidos por um *feed de notícias* que nunca se cala, tornando-os invisíveis em poucas horas, já que o mais valorizado pelo *feed* são as atualizações mais recentes. Ao mesmo tempo, esses fragmentos de vida ficam registrados em uma linha do tempo particular, no perfil de usuário de sites como o *Facebook*, criando uma espécie de diário dos tempos digitais. Do rumor perpétuo de atualizações em tempo real ao silêncio de um arquivo virtualizado, esses micro-relatos contam histórias para um tipo diferente de plateia: expectadores que navegam em um mar de centenas de histórias entrelaçadas digitalmente pelas tramas da rede digital.

### **Invenções de si em meio ao espetáculo**

Quando estudamos sobre as formas de expressão online não há como não nos depararmos com a frequente constatação de que vivemos em uma atualizada versão digital da sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997). Um dos tópicos frequentes nessas discussões é a questão da espetacularização da subjetividade nas redes, questão problematizada, por exemplo, por Paula Sibilia (2008). A autora, ao afirmar que vivemos hoje em um verdadeiro “show do eu”, ressalta as características de uma cultura das aparências, marcada pelo espetáculo e pela visibilidade. Tal cultura levaria a um eclipse da interioridade do sujeito, outrora valorizada por outros tipos de práticas autorreferentes. Para a autora, hoje em dia, tendências exibicionistas e performáticas procuram por reconhecimento nos olhos alheios, tendências essas que se resumiriam no seguinte enunciado: “cada vez mais, é preciso *aparecer para ser*” (p. 111).

Debord (1997), com o lançamento de seu manifesto em 1967, já antecipava o surgimento de uma sociedade onde o interesse *voyeurista* nas imagens da vida alheia, veiculadas pelos meios de comunicação, configurava o modo de vida dos sujeitos, criando uma humanidade alienada e distante da vida real. Para Debord (1997), tudo o que antes era vivido diretamente torna-se uma representação, como se a vida na sociedade atual se tornasse uma imensa acumulação de espetáculos. O espetáculo como afirmação da aparência causa uma cisão na realidade, tornando a aparência mais valorizada do que a realidade concreta e facilitando assim a manipulação das massas entorpecidas pelas imagens espetaculares.

Debord demonstra em seu manifesto uma concepção sobre as imagens que as afasta do mundo “real”. Neste estudo, prefiro pensar em termos que não criem uma dicotomia

entre o mundo “real” e o mundo “digital”, já que nós habitamos o mundo das imagens e elas atuam sobre nós de diferentes formas. As imagens que circulam pelas telas das TVs, outdoors, dispositivos móveis, enfim, não estão exatamente separadas do mundo “real”, como simulacros que nos seduzem e enganam, mas fazem parte dele.

Partindo dessa visão, penso que as imagens que circulam nas redes enquanto fragmentos de vida espetacularizados não são exatamente como uma representação falsa da realidade, mas sim produzem realidades e atuam sobre o sujeito. Não é como se existisse uma verdadeira identidade do sujeito por trás de todas as imagens que, valorizando apenas a superficialidade dos fatos que lhe acontecem, não o captam por inteiro, não o representam em sua interioridade.

Nicolaci-da-Costa (1998) é uma autora que afirma essa cisão entre a vida “real” e a vida online, afirmando que a internet introduz, na área dos relacionamentos humanos, “uma cisão que corresponde à cisão por ela instaurada entre a realidade virtual e a realidade cotidiana, que muitos chamam de real” (p. 205). Esse tipo de argumento resulta em pensamentos que afastam as postagens da rede da vida “real”, como se nossos perfis online fossem personagens que criamos para interagir no ciberespaço, distantes representações do que realmente somos. Mas existe algo que realmente somos na vida offline?

Para Suely Rolnik (2007), o ser humano sempre dispôs de uma subjetividade flexível, experimental e processual, não existindo, assim, uma identidade unitária do sujeito. A autora nos fala que muitas vezes temos a impressão de nos caracterizarmos por um conjunto de representações e sensações fixas, um “dentro” – a impressão de ter um “dentro” e até de ser esse “dentro”, “um suposto dentro que morre de medo de se perder” (p. 43). Porém, para a autora, em oposição à noção de unidade, de interioridade ou de um “dentro”, o sujeito deve perceber-se como o efeito singular do que acontece em seu corpo nos aleatórios encontros que tem, vivendo-se nunca como um “dentro”, por oposição a um “fora”, mas sim como uma sucessão de “entres”.

Santella (2004), pensando na questão da multiplicidade identitária nas redes da internet, afirma ainda que a noção de interioridade identitária é influenciada na atualidade pelas mídias em geral, que trabalham freneticamente pela preservação da “ideia do eu” que dá fundamento às práticas regulatórias institucionais. Para a autora, os discursos produzidos sobre as identidades múltiplas que germinam nos ambientes ciberespaciais são ainda miragens da compreensão de um ego unificado, “como se houvesse uma separação nítida entre a realidade, fora do ciberespaço, habitada por sujeitos unos e a realidade simulada do

ciberespaço, na qual proliferam identidades múltiplas” (p. 49). A multiplicidade da subjetividade ganha no ciberespaço novas formas de expressar-se, esbaldando-se em um terreno fértil para processos de territorializações e desterritorializações subjetivas.

A partir do pensamento dessas autoras, acredito que as imagens/escritas de fragmentos de vida que circulam pelas redes não se configuram apenas como mera espetacularização da subjetividade, como imagens artificiais que não captam uma suposta interioridade do sujeito, e sim são imagens que produzem o sujeito – enquanto ele as produz – e atuam sobre ele, dada a possibilidade de invenção e criação intrínseca aos processos de singularização. Quando “nos mostramos” nas redes estamos ao mesmo tempo inventando quem somos enquanto sujeitos, tanto na vida online como na vida offline, com a diferença de que a internet é uma tecnologia que permite formas de expressão não antes imaginadas.

Sibilia (2008), em outro momento da sua obra, quando reflete sobre os “personagens” que o sujeito cria para lhe representarem nas redes sociais, conclui que é inútil tentar distinguir o que é verdadeiro ou não no que se refere aos relatos compartilhados nas redes, pois a própria noção de eu é uma unidade ilusória construída na linguagem, uma ficção gramatical, um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si. Mesmo antes do surgimento da internet, essa ficção do eu sempre foi necessária, pois somos feitos desses relatos, eles são a matéria que nos constitui enquanto sujeitos. Essa noção de multiplicidade da subjetividade nos faz, enfim, repensar os gestos de “espetacularização” de uma suposta privacidade na web, atentando, por outro lado, para os processos de criação e singularização que estão implicados aí.

### **Considerações infinitas: esgotamento e linhas de fuga**

O cenário da hiperconectividade e os processos de subjetivação que se engendram nesses espaços híbridos são, de fato, complexos e difíceis de serem apreendidos. No decorrer dessas linhas que intentaram abrir frestas e rupturas para pensar os movimentos nesse cenário, uma questão pairou sobre todas essas análises: estaríamos nos tornando sujeitos cansados, esgotados? No cenário da hiperconectividade somos invadidos por um excesso que nos esgota. Excesso de postagens, atualizações, escritas, interações, informações, telas, imagens...

Pensando nessa “superestimulação” a qual estamos expostos, a imagem que me vem à mente é a de um corpo que, após uma série de estimulações contínuas, deixou de sentir,

como a compulsiva Joe de Lars von Trier no filme *Ninfomaníaca* (2013). A fala da personagem explicita: “talvez a única diferença entre mim e as outras pessoas foi que eu sempre exigi mais do pôr do sol; cores mais espetaculares quando ele atinge o horizonte. Esse é, talvez, o meu único pecado”. Com um corpo que sente cada vez menos, Joe parte em uma espécie de jornada espiritual em busca de um estímulo que ainda faça-a gozar, realizando experimentações sexuais cada vez mais extremas com um corpo que, após “hiperestimulações” contínuas, precisa de cada vez mais para sentir, como um corpo dormente, que não percebe menos do que uma agulha perfurando a sua superfície.

O cenário da hiperconectividade é povoado por corpos que demandam por cada vez mais estímulos ao mesmo tempo, como se por uma necessidade de que algo em meio ao caos fizesse-os realmente sentir, afetarem-se com algo, assim como alguém que desaprendeu a rir, e que por isso precisa ler milhares de piadas para que alguma, em meio a essas, ainda desperte o seu humor. É possível ainda *sentir* algo neste cenário? O sujeito que, parado ou em movimento, gruda-se com os olhos na tela do celular me remete diretamente à figura do insone, com seus olhos estáticos e arregalados. Esse último não dorme, e também já não sente, é um sujeito esgotado.

O que nos restaria a fazer nesse universo de esgotamento, saturação e superestimulação que nos sobrecarrega? Deleuze (1992) nos diz que precisamos de vacúolos de silêncio e interruptores para escapar aos mecanismos da sociedade de controle. Interruptores... a solução seria apertar um botão e se desconectar? Acredito que não. A rede, enquanto rizoma, é flexível, “conectável” e “desconectável”, tem várias entradas, múltiplas saídas. No universo das redes e da hiperconectividade é preciso aprender a conectar e desconectar, ir e vir.

Desconectar não seria a solução porque, como já ressaltai anteriormente, essas máquinas agenciam nossa própria subjetividade, nossa relação de captura mútua com esses objetos é irreversível. Pensando nos devires-animais que dessubjetivam os personagens de Kafka em busca de uma saída, Deleuze e Guattari (2014) afirmam: não existe algo como a liberdade absoluta, o que existem são apenas linhas de fuga, ou linhas flexíveis em meio às linhas duras. E o que seriam essas linhas de fuga no cenário caótico da hiperconectividade?

Na visão de Guattari (2012), as transformações tecnológicas podem gerar, por um lado, uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade, e por outro, uma tendência heterogenética, ou seja, um esforço da heterogeneidade e da singularização dos seus componentes, e poderíamos pensar aqui na possibilidade de ser

múltiplos no ciberespaço. Guattari (1993) acredita em uma nova e confiante aliança entre homens e máquinas, que estabelecerá que as atuais máquinas informacionais e comunicacionais concorram para a confecção de novos agenciamentos de enunciação. Essas potencialidades podem desembocar enfim em uma era pós-mídia, “que as livre dos valores capitalísticos segregativos e crie condições para o pleno desabrochar dos esboços atuais da revolução da inteligência, da sensibilidade e da criação” (GUATTARI, 1993, p. 187).

O filósofo Peter Pál Pelbart (2013) nos lembra que, como a fita de *Moebius*, que revela por si o seu avesso, o processo de esgotamento, levado até o seu limite através de forças que lhe fazem pressão, que tentam escapar, revela enfim o seu fora: um elemento afirmativo que pede passagem através de desarranjos ou colapsos que apontam para novos agenciamentos. Acredito que esses desarranjos e novos arranjos acontecem de forma molecular em nossa relação com essas pequenas máquinas, como a partir de processos de singularização que podem se dar nas redes, processos esses definidos por Guattari e Rolnik (2011) como movimentos de resistência contra o processo geral de serialização da subjetividade.

Pensando na possibilidade de reapropriação das mídias, como é proposto por Guattari, acredito que ela possa acontecer de forma molecular nas redes do ciberespaço, como nas novas maneiras de se expressar através de escritas nas redes, multiplicar os modos de existir online, realizar processos nômades com um corpo desterritorializado, fazer experimentações da língua em diferentes modalidades de escrita... Acredito que podemos, enfim, em meio a um cenário que à primeira vista parece nos sobrecarregar e controlar, fazer como Charlie Chaplin em *Tempos Modernos*: brincar e dançar com as máquinas.

## Referências

ALBUQUERQUE, A. S. **Cartografias de um sujeito hiperconectado: ciberescritas** instantâneas em dispositivos móveis. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BARROS, L. M.; BARROS, M. E. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 373-390, 2013.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

EL HAMMOUTI, N. Diários etnográficos profanos na formação e pesquisa educacional. **Revista europea di etnografia dell'educazione**, v. 1, n. 2, p. 9-20, 2002.

FLUSSER, V. **A escrita**: há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 273-295.

FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1996.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma ético-estético. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, A. **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 177-191.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2011.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NINFOMANÍACA. Direção: Lars von Trier. Dinamarca: Zentropa Entertainments, 2013, 325min.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, L. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. In: LEÃO, L. (org.). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004, p. 45-54.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.